

pequeno
tesouro

Bernardo Santareno



O Crime de Aldeia Velha

Peça em 3 actos

Círculo de Leitores

O CRIME DA ALDEIA VELHA

Círculo de Leitores, Lda.
Composto em Garamond 9/10
Impresso e encadernado por
Printer Portuguesa

Fevereiro 1975

Edição integral
Licença editorial para o
Círculo de Leitores
por cortesia de Edições Ática
É proibida a venda a quem
não pertença ao Círculo

«MARCO DE CANAVEZES, 23 – Hoje, como ontem, o acontecimento do dia nesta região é o julgamento que se está realizando, em tribunal colectivo, dos autores do hediondo crime da queimada-viva de Soalhães. Algumas testemunhas de acusação que ontem depuseram declararam que os réus não cometeram o crime porque quisessem mal à desgraçada vítima – a Arminda de Jesus –, de quem, aliás, todos eles eram muito amigos! Espancaram-na e depois lançaram-na ao fogo para a livrarem do demónio – nada mais – e convencidos de que, após a queima, a pobre mulher podia ressuscitar!!! Assim lhes foi aconselhado pela doida Joaquina de Jesus, a quem os mesmos réus consideravam santa e isso mesmo viram ou entenderam ver descrito no livro de São Cipriano...»

(Notícia publicada em O Primeiro de Janeiro, de 24/5/1934.)

PERSONAGENS

MULHERES – HOMENS – POVO

REGIÃO MONTANHOSA DO DOURO OU DA BEIRA

ACTUALIDADE

PRIMEIRO ACTO

CENÁRIO: *A residência paroquial de Aldeia Velha. Uma sala espaçosa do primeiro andar: ao fundo, uma varanda que dá para a praça principal do lugarejo; à direita, a porta que comunica com a escada da rua; à esquerda, uma porta interior.*

Sente-se (o som dos sinos, etc.) que a igreja fica logo ao lado.

Ao subir o pano, Florinda e Rita, ambas domingueiramente vestidas de preto, giram à volta duma mesa grande e central, posta com desabuso festivo: vigiam, compõem, enchem-na com mais doces, que vão buscar a uma arca velha e enorme. Custódia e Margarida debruçadas na varanda. Zefa, sentada numa cadeirinha baixa, passa as contas do rosário.

Lá fora, ruídos do povo. Dois foguetes.

É Verão.

CENA I

CUSTÓDIA

(A olhar para fora.) Ih, Jesus! que mar de povo!... Olha, olha ali, o ti'João Silvestre... Ti'João! Eh, Ti'João!! *(Saúda, com exuberância de gestos.)*

MARGARIDA

Muito tarda o tal carro, Santo Nome de Deus! *(Para dentro:)* Ah, ti'Florinda, ainda falta muito? ...

FLORINDA

Isso sim, Margarida: está aí a rebentar... *(Pausa. Suspendendo o trabalho:)* Credo! queira Deus que não tenha havido algum desastre...?

RITA

(Vendo as horas, num velho relógio de parede.) Ó mulher, não sejas assim: não futures sempre mal... Está certo este relógio?

FLORINDA

(*Ternura.*) Ai, Rita, o meu Júlio!... (*choraminga.*)

RITA

(*Sempre a olhar para o relógio.*) Pois se está certo ... Bom, a camioneta da carreira deve ter chegado a Rio Claro, aí pelas ... Ora, há coisa de meia hora, nem tanto!: Estão a ver que, lá de baixo até cá a riba, mesmo com carro de parrelha, a corrida inda é bem suadinha ... (*Mudança rápida:*) Ah, ti'Zefa, não durma!

ZEFA

(*Sonolenta.*) Estou a rezar ...

FLORINDA

(*Embevecida; comoção.*) O meu Júlio, ti'Zefa, o meu rapaz! ... Ai, que se o meu homem ainda fosse vivo ...

CUSTÓDIA

(*Para fora.*) Adeus, Cremilda! Viva, ti'Sardo!...

ZEFA

Não há maior senhoria, neste mundo: o teu filho, Florinda, tem o lugar mais alto que um homem pode ter: Padre, ministro de Deus! O mais alto, fica sabendo: mais que fidalgo, mais que doutor!...

FLORINDA

(*Choro.*) Ai, ti'Zefa, tanta ... tanta fominha que eu passei prò criar!...

MARGARIDA

(*Apontando para a rua.*) Ah, minha mãe, está a ver?...

(puxa violentamente o braço de Custódia.)

CUSTÓDIA

(Desequilibrando-se.) Eh, rapariga, andas variada dessa cabeça?! Por um triz, não me alagas... Ver o quê?

MARGARIDA

Olhe, olhe ali: o senhor Rui!... *(Para dentro, com malícia:)* Onde é que pára a Joana?...

RITA

(Seca.) Aproveita-o pra ti, Margarida! Já não te sobra o tempo ...

MARGARIDA

Não é a mim que ele quer, ti'Rita: *(troça:)* Levantou os olhos pra boniteza de mais preço!... *(riso. Volta a debruçar-se, fazendo gestos para fora.)*

RITA

(Resmungona; sempre cuidando da mesa.) O que a ti te faz falar é... Língua de coruja!

ZEFA

(Para Florinda.) Quem havia de pensar... Isto, o destino de cada um, a Deus pertence: é bem certo! Que ele, o teu Júlio, já em pequeno... assim, desta altura – parece que foi ontem, Florinda! – já então, rapazinho, era diferente dos outros: mais sério, mais atulhadinho de juízo... ai, rico menino!

FLORINDA

(Que se senta; a limpar as lágrimas, o lenço da cabeça caído sobre os ombros.) Coisinha melhor, ti'Zefa!: Olhe que eu não tenho deste filho a mais pequena queixa, nem assim ... *(mostra a ponta da unha.)* Mas Deus escreve direito por linhas tortas ... olá se escreve!: O meu Augusto, que o Senhor guarde em descanso, morreu quando o menino tinha só quatro anos ... Vossemecê lembra-se, ti'Zefa? Esmigalhadinho debaixo do carro de bois, mesmo ali à beira do moinho! ... Ai, o que eu tenho esgaravado, pra criar o meu Júlio!: Só Deus sabe. Quantas vezes – tomara moedas de dez tostões! – eu tirei da minha boca pra ... Mas, pronto! não quero lembrar-me mais desses tempos: o que é certo, é que o meu rapaz fez a escola, tirou a quarta classe. Era uma coisa assim ... era um palpite, ti'Zefa: eu sentia, cá por dentro, que o destino do meu filho o puxava pròs estudos! ... Bem falta me fazia o ganhozito dele, mas ...

(Ouve-se uma banda de música. Foguetes.)

MARGARIDA

É o carro ... é ele!

CUSTÓDIA

(A chamar.) Florinda! Anda cá ver, Florinda! ...

(Correm todas para a janela, excepto Zefa: ansiosas, debruçadas, aos gritos.)

CENA II

Entra Joana, pela porta interior, trazendo um tabuleiro de bolos: silenciosa, serena; donaire natural. Deposita

os doces sobre a arca e, lentamente, aproxima-se da janela em bicos dos pés, procura ver para fora. Depois, sempre calada, sai pela mesma porta. Zefa passa as contas.

CENA III

RITA

(Que vem para dentro.) Ainda não é desta ... *(volta à tarefa anterior. Parou a música.)*

ZEFA

Não era o Júlio?

FLORINDA

Não, senhora: foi o carro do ti'Ambrósio, que passou. Credo, Virgem Santíssima! uma demora destas ... Ai, que se calhar aconteceu coisa ruim!...

CUSTÓDIA

Deixa-te disso, mulher: não tarde aí! *(Grande riso como-vido:)* Ah, Florinda! ah, Florindazinha! amiga da minha alma, dá-me cá um abraço! *(abraçam-se.)* Grande dia, grande dia este! *(Lágrimas:)* Então não querem ver? Estou mortinha por mirar o diabo do rapaz ... *(emendando:)* salvo seja, que o teu Júlio agora é um senhor padre, e peca quem o tratar assim ... *(estreitando mais o abraço:)* Isto é uma honra pr'Aldeia Velha! uma grande honra!!

FLORINDA

(Sempre lacrimejante.) Ainda agora estava a contar, aqui à ti'Zefa, o que eu passei pra ... Jesus! Jesus Senhor!!

CUSTÓDIA

Pois Deus pagou-te bem os sacrifícios, mulher: abençoa-da semente que tal seara deu!

RITA

Há mais de vinte anos, que não vive abade em Aldeia Velha...

ZEFA

Pois que venha em boa hora: bem preciso cá é! Esta gentinha nova... ai, esta mocidade de hoje!: são piores que bichos...

RITA

Credo, ti'Zefa! até corta o coração ver estas raparigas: desmazeladas, calonas, sem raça de vergonha... Ih, Santo Deus, onde é que a gente vai parar?! Vocês viram? repararam na Guilhermina? (*Aponta para a rua:*) Ali em baixo, à frente de todos, aos beijos ao namorado... Coisa assim!: nem que fossem casados e recebidos... Muito pulso terá de ter o teu Júlio, Florinda, pra pôr freio a isto tudo!

CUSTÓDIA

E olha que os homens...

RITA

Ora, ora! os homens são outra coisa: são machos... Toda a vida assim foi: acham a terra macia e pronto! botam logo a semente... Sempre assim foi. Mas elas! elas é que...

CUSTÓDIA

Bem te entendo, coração!: falas desse jeito, porque só tens filhos...

RITA

(Benzendo-se: exagerada.) E ainda bem, Custódia, ainda bem! *(Com os olhos em alvo:)* Graças te dou em cada momento, meu Senhor Jesus! Mulheres, raparigas... hoje? Cabecinhas de rola tonta, gado sujo...

CUSTÓDIA

(Picada.) Isso agora?! Tem tento nessa linguinha: olha que há o trigo e há o joio, hã!?...

CENA IV

Entra Joana: traz um grande jarro com vinho.

RITA

(Em resposta a Custódia: sonsa, a olhar de soslaio Margarida; esta, sempre à janela.) Tens razão, tens razão! mas... oh, os maus exemplos são como as bexigas: pegam-se num ai! Raparigas? ora, raparigas!: ervas ruins, ervas ruins...

JOANA

(Taciturna; batendo com o jarro na mesa.) Boto isto aqui, ti'Florinda?

FLORINDA

Bota, bota aí: está bem, Joana. Olha, passa aqueles bolos pra riba da mesa... (*indica a arca.*)

ZEFA

Jesus! nem que fosse boda de morgado ...

FLORINDA

Pois vossemecê cuida que é demais? Não chega, ti'Zefa, fique sabendo que não chega: Daqui a pouco, entra-me por aí a dentro uma nortada de gente!... (*Abanando-se, espapaçada numa cadeira:*) Isto é que foi um dia de calma, hoje!...

RITA

(*Que continua a conversar com Custódia.*) Cá por mim, não me posso queixar: Deus fez-me a grande mercê de só poder gerar homens. (*A bater no ventre, com ambas as mãos:*) Há quem esteja cheia todo o tempo, mesmo até parir, sem saber se aquilo que a ocupa é macho ou fêmea... Pois não foi assim comigo! não senhora: eu nunca me enganei, nunca!: fui sempre capaz de conhecer, logo às primeiras patadas, aqui dentro da minha barriga, a gana dum macho varão! Só filhos! só homens!! (*Exagerada:*) Graças, mil graças ao Altíssimo!

JOANA

(*Mordente, seca.*) A sua cara que o diga, ti'Rita ...

RITA

(*Desconcertada.*) A minha...? Mas que tem a minha cara!?...

JOANA (*Abruptamente, encolhendo os ombros.*) Ora!...

RITA

(*Picada; em desafio.*) Pois digo e redigo que, nos dias que correm, o pior que pode suceder a uma mãe, é botar cá pra fora uma fêmea!...

JOANA

(*Por momentos, trémula, sem falar, fixando intensamente os olhos de Rita; depois, cruel.*) É... é por isso mesmo que vossemecê tem a cara que tem: mais mirradinha que a folha do pinho bravo; mais seca que a ribeira verde, agora, de verão!... É por isso, ti'Rita. (*A rir:*) Já repararam que, aqui a ti'Rita, tem cara de homem? Até bigode, até bigode... Ai, vistam-lhe umas calças e um jaleco e verão!... (*Risadas das presentes.*)

RITA

(*Ferida.*) Nem todas podem ser lindas como tu, Joana... Mas olha que eu também já fui nova: Passou; passou num instante... Ai, menina, não há flor que murche mais depressa, que a cara duma moça: Casa, casa! e depois então vem falar comigo... Isso é fogaréu de pouca dura, rica filha!: dou-te três anos... nem tanto, nem tanto! Vais ver: apareces aí mais devastadinha que a terra lavrada! Ai, ai... (*Riso brejeiro das velhas.*)

CUSTÓDIA

E olhem que não lhe faltam rapazes, aqui à Joana! ...

FLORINDA

(*Bem disposta.*) Jesus! é um ror deles... uma procissão, uma procissão! E já que te meteste na roda, sempre te

digo, Rita, que um dos mais assanhados é o teu filho António ... (*Gesto de Rita.*) Ah, não?! Ah, ti'Zefa! ah, Custódia! ela diz que não... Desde que a Joana veio cá para casa trabalhar ... (*Mudança súbita:*) Vocês bem vêem: eu, sozinha, não era capaz de limpar esta caseirona... Ih, Santo Nome de Deus, havia aqui esterco, que chegava pr'adubar uma leira, das grandes!...

ZEFA

Desde que o padre Guilherme morreu, nunca mais ninguém pisou este chão: Há bem vinte anos...

CUSTÓDIA

(*Olhando em redor: certo mal-estar.*) Dizem que... há quem tenha ouvido... eu, cá por mim, nunca! Mas o ti' João Melro jura e trejura que, mais duma vez, noite alta, quando adregava de passar aqui, em frente desta casa... (*benze-se:*) Credo, Jesus Senhor! até se me arrepelem as raízes da alma! E olhem que o ti' João Melro não é homem pra embustices, não senhora!...

ZEFA

Homem sério, homem vergonhoso!

CUSTÓDIA

(*Medo.*) Diz que se ouvia aqui um choro de criancinha, tão claramente como eu agora a oiço a vossemecê, ti'Zefa!...

JOANA

(*Sempre a trabalhar: movimento mais brusco.*) Doudices.

CUSTÓDIA

Há quem pense que eram as almas dos inocentinhos ...

ZEFA

Diziam, diziam isso: que Deus condenou Aldeia Velha a pagar, com o sangue dos meninos, os pecados do padre Guilherme... que era sem conto!

JOANA

(*Riso nervoso.*) Ora vejam lá?!

RITA

Bonda a verdade que eu não me lembro de ver morrer, nesta terra, tanta criança miúda, como naqueles dois anos, antes do passamento do padre: Ai, Senhora dos Aflitos, foi uma razia!

RITA

Ficavam-se de repente, mais amarelinhos e escorridos que o mel dos cortiços...

CUSTÓDIA

Nesse tempo, acabou-se o pano preto nas tendas...

ZEFA

O abade era ruim...

CUSTÓDIA

Credo! peste assim...

ZEFA

Amigo do mulherio...

CUSTÓDIA

E da comezaina, ti'Zefa!?

FLORINDA

(*Terna.*) Pois o meu Júlio há-de ser bom e limpinho desses males: há-de ser um bom padre, o meu filho!

ZEFA

Deus te oiça, Florinda!

RITA

(*A olhar intencionalmente, embora com disfarce, para Joana.*) Pois que venha em boa hora: Neste ror de tempo, o demónio tomou conta desta terra: Aldeia Velha faz juras pelo diabo! É verdade ou mentira? Diz-me cá, Florinda; e tu, Custódia; e vossemecê também, ti'Zefa... digam-me todas: no tempo da nossa mocidade havia, por estes sítios, como há hoje, lobisomens? E bruxas? Quando, em tempo antigo ou novo, houve em Aldeia Velha tanto mau olhado? ... (*Intencional:*) É mentira isto, Joana?

JOANA

(*Brava.*) Se vossemecê, com essas, tem o fito de morder na ilharga da minha mãe, que Deus haja... olhe, morda aqui! (*bate, com força, na berma da mesa.*) Morda aqui, que tira mais resultado!

RITA

(*Soçsa.*) Oh mulher, o que aí vai!!! não te amofines assim, olha que...

CENA V

Entra António, pela porta da rua: traz um braçado de foguetes.

JOANA

(Para Rita.) Eu conheço-a, ti'Rita, eu conheço-a muito bem!: Quando vossemecê pega na vida de alguém, faz-lhe o mesmo que a lagarta à couve: deixa-a mais roída, mais destroçadinha...

ANTÓNIO

(A brincar.) Olá!? Então o que é isto? Ainda não dei lume aos foguetes e eles já rebentaram aqui?...

FLORINDA

(Que se levanta logo, ansiosa.) Já lá vem o meu Júlio?...

ANTÓNIO

Não, senhora, ti'Florinda: a camioneta traz atraso...Este fogo é pra deitar, aqui na varanda, mal o seu filho chegue. Dá cá uma ajuda, Margarida... *(Margarida executa, pressurosa: depositam os foguetes na varanda.)*

FLORINDA

Estou a ficar agoniadinha de cuidados: Jesus, esta demora...!?

ANTÓNIO

Pois não tem razões, pra isso: esteja branda, esteja branda, ti'Florinda. *(Alegre:)* Viva o senhor padre Júlio! *(Sentta-se.)* A gente os dois somos da mesma criação, ti'Zefa: pintos da mesma ninhada...